

A LINHA DE PENSAMENTO DOS ESTUDANTES DA UCSAL - PITUAÇU: Percepções sobre a recusa da vacina

Amanda Silva de Almeida Santos
Drieli Ferreira Batista
Eduardo Magno Souza Urpia
Maria Beatriz Batista de Araujo
Maria Eduarda Santiago Costa

RESUMO

Esse artigo apresenta uma pesquisa realizada em 2019 na Universidade Católica do Salvador- Campus Pituaçu, objetivando identificar a percepção dos alunos sobre a recusa da vacinação e linhas de pensamento similares ao movimento antivacina. O método utilizado foi amostra aleatória estratificada com variáveis quantitativas discretas, sendo elegíveis para o estudo todo e qualquer aluno selecionado aleatoriamente em diversas áreas do campus. Foi aplicado um questionário de 15 questões de múltiplas escolhas com o intuito de conhecer a opinião dos alunos sobre as vacinas. A maioria dos entrevistados se apresentaram a favor da prática da vacinação. Todavia, uma pequena parcela demonstrou ser contra o ato, questionando a quantidade de vacinas recomendadas e a sua importância.

Palavras-chave: Vacinação; Recusa da vacina; Movimento antivacina.

1. INTRODUÇÃO

A obrigatoriedade da vacinação foi instaurada em território nacional por meio da Lei nº1.261 de 31 de Outubro de 1904 e regulamentada em 09 de Novembro de 1904. O projeto foi motivado pelo médico Oswaldo Cruz após o aumento do número de internações devido a varíola no Hospital de São Sebastião, no Rio de Janeiro. Apenas os indivíduos que comprovassem estar imunizados conseguiriam contratos de trabalho, matrículas em escolas, certidões de casamento e autorizações para viagens. O cenário alavancou o episódio conhecido como "Revolta da vacina", um movimento popular contra a imunização em massa, retirando a obrigatoriedade do processo de vacinação pelo governo. Todavia, em 1908, eclodiu no Rio de Janeiro uma violenta epidemia de varíola, e a população recorreu à vacinação (FIOCRUZ, 2005).

A perda da confiança nas vacinas e nos programas de imunização pode levar à diminuição das coberturas vacinais com todas as suas consequências. A ocorrência de dúvidas sobre a necessidade das vacinas, o medo de possíveis eventos adversos, a disseminação de informações equivocadas, além de crenças filosóficas e religiosas, têm criado situações em que famílias e até mesmo profissionais da saúde apresentam dúvidas sobre a necessidade da aplicação de vacinas (SUCCIA, 2018).

A virologista Marilda Siqueira, chefe do Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), afirma que inicialmente as pessoas

que falam sobre não vacinar pensam apenas no próprio lar, na criança que não tomou, mas as consequências podem ser graves (DINIZ, 2017).

A confiança nas vacinas e nos profissionais de saúde é fundamental para manter a demanda e o uso das vacinas tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento. A maior parte da população segue o esquema vacinal recomendado por seu médico ou instituições de saúde, mas persiste o desafio de enfrentar os grupos que recusam ou retardam a aplicação das vacinas (SUCCIA, 2018).

“A vacinação é uma das formas mais eficientes, em termos de custo, para evitar doenças. Ela atualmente evita de 2 a 3 milhões de mortes por ano, e outro 1,5 milhão poderia ser evitado se a cobertura vacinal fosse melhorada no mundo”, afirma OMS (MIZUTA et al., 2019).

No Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM), preocupados com o surgimento de adeptos do movimento contra as vacinas, divulgou um alerta em 23/06/2017 que conclamou a população, os médicos e demais profissionais de saúde a se contraporem ao movimento antivacinas. "Não se vacinar ou impedir que as crianças e os adolescentes o façam pode causar enormes problemas para a saúde pública, como o surgimento de doenças graves ou o retorno de agravos de forma epidêmica, como a poliomielite, o sarampo, a rubéola, entre outros" (SUCCIA, 2018).

Com base nesse movimento e no aumento do número de pessoas que recusam a vacina, este projeto se ampara do pensamento dos alunos de diversos cursos da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), campus Pituaçu, a fim de esclarecer a opinião dos mesmos acerca da vacinação e dos movimentos atuantes contra a imunização. Obtendo de forma quantitativa, por meio da aplicação de questionários, respostas dos estudantes quanto à vacinação. Abordando relevâncias como: se são pró ou contra a vacina, se participariam de uma nova revolta, se detém conhecimento dos efeitos adversos, composição, benefícios, e se são malélicas, excessivas ou são realmente necessárias e indispensáveis.

1.2. OBJETIVO

O artigo tem como objetivo identificar a percepção dos alunos da Universidade Católica de Salvador do campus de Pituaçu sobre a recusa da vacina e linhas de pensamento concordantes ao movimento antivacina. Além disso, apreender a sapiência dos estudantes acerca da relevância do processo vacinal.

1.3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido em 2019, no campus Pituaçu da Universidade Católica do Salvador, situado no bairro de Pituaçu em Salvador-BA, no qual a população estimada da universidade era de 5.500 alunos (2019). O local foi escolhido por apresentar indivíduos com fácil acesso a informação sobre o uso e produção das vacinas, visto que boa parte dos alunos do campus selecionado tem seus cursos voltados para a área de saúde.

A análise foi feita utilizando amostra aleatória estratificada com variáveis quantitativas discretas. Foram elegíveis para o estudo todo e qualquer aluno selecionado aleatoriamente em diversas áreas do campus. Foi aplicado um questionário de 15 questões de múltiplas escolhas com o intuito de apresentar a quantidade de alunos que são a favor, contra ou não tem opinião formada sobre a vacinação. Os dados coletados foram tabulados na plataforma do Microsoft Excel, e distribuídos levando em consideração fatores como: gênero, faixa etária, área de estudo, e número de respostas ao questionário. Dos 5.500 alunos dos campus, obtivemos um N=83, uma amostra que representa 1,5% da universidade. Nesse sentido, investigamos quantitativamente e qualitativamente, o perfil dos estudantes acerca do processo vacinal.

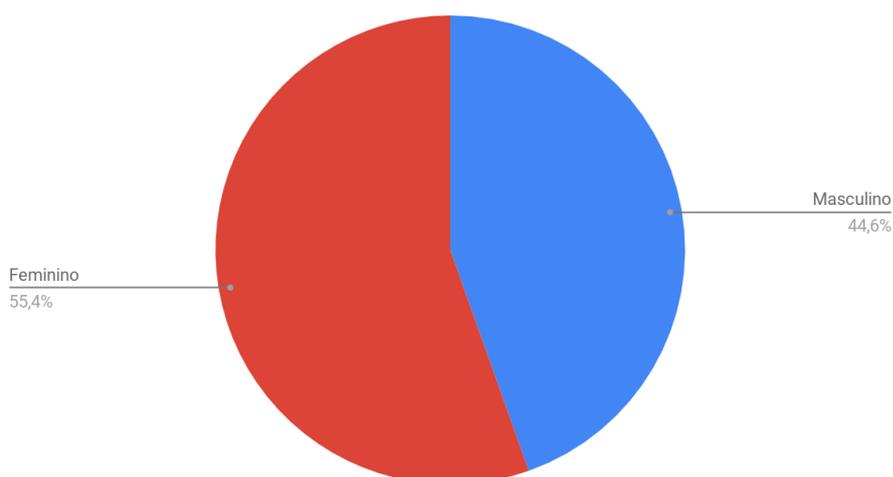
Por meio da análise percentual, observamos quantos estudantes possuem cartão de vacinação, quantos consideram a quantidade de vacinas excessiva, se participariam de um movimento antivacina, e outras questões abordando conhecimentos sobre a vacinação. Por fim, especulamos o quão abrangente é a linha de pensamento desses estudantes a fim de reconhecer suas percepções em relação a recusa da vacina.

2. DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Dos cerca de 5.500 alunos elegíveis para o estudo (população total de alunos do campus Pituaçu), 83 (1,5%) foram selecionados para responder o questionário, dos quais 37 (44,6%) eram homens e 46 (55,4%) eram mulheres.

Gráfico 1

Porcentagem



Legenda: Quantidade total de alunos entrevistados separados por gênero.

Quadro 1

PERGUNTAS	SIM	NÃO	NÃO SEI
1. Você é a favor da vacinação?	82	0	1
2. Você tem cartão de vacina?	75	4	4
3. O seu cartão de vacinação é atualizado?	49	19	15
4. Na sua opinião, a vacinação é necessária desde o nascimento?	82	1	0
5. Em relação a quantidade de vacinas tomadas na infância, você acha excessiva?	11	57	15
6. Você acha que a vacinação pode causar malefícios?	18	47	18
7. Sobre as reações causadas pela vacina(dores locais e febre), você continuaria a tomar mesmo sabendo dos efeitos colaterais?	74	2	7
8. Você ou alguém que você conhece já relatou ter adquirido uma doença após ter se vacinado?	19	59	5
9. Você tem conhecimento de que na composição de algumas vacinas existe a presença do vírus inativo?	68	12	3
10. Sabendo dessa informação, você continuaria a tomar?	72	3	8
11. Na sua opinião a vacinação em gestantes é prejudicial na formação do feto?	5	26	52
12. Você acha que dúvidas acerca da vacina podem influenciar as pessoas a não se vacinarem?	77	5	1

13. Você concorda com o movimento de recusa da vacina?	24	52	7
14. Você tem conhecimento da Revolta da Vacina, que ocorreu em 1904?	56	19	8
15 Se atualmente houvesse um movimento contra a vacinação, você participaria?	3	75	5

Legenda: As 15 perguntas do questionário aplicado aos estudantes da Universidade.

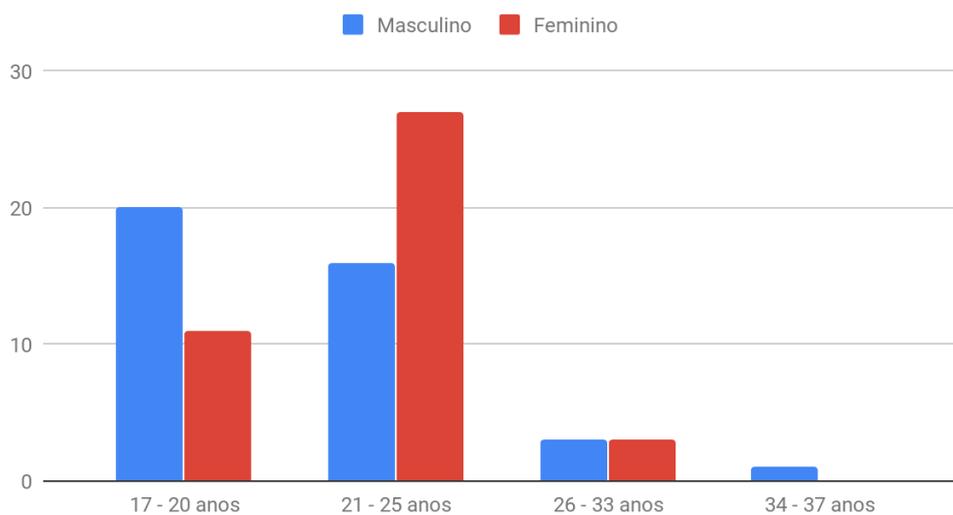
Quadro 2

Áreas	Total de alunos	Total de alunos (%)
Saúde	34	40,9%
Exatas	14	16,8%
Humanas	35	42,3%
Total	83	100%

Legenda: O quadro 2 mostra a quantidade de alunos selecionados por área de seus respectivos cursos, revelando 40,9% voltados para Saúde.

Gráfico 2

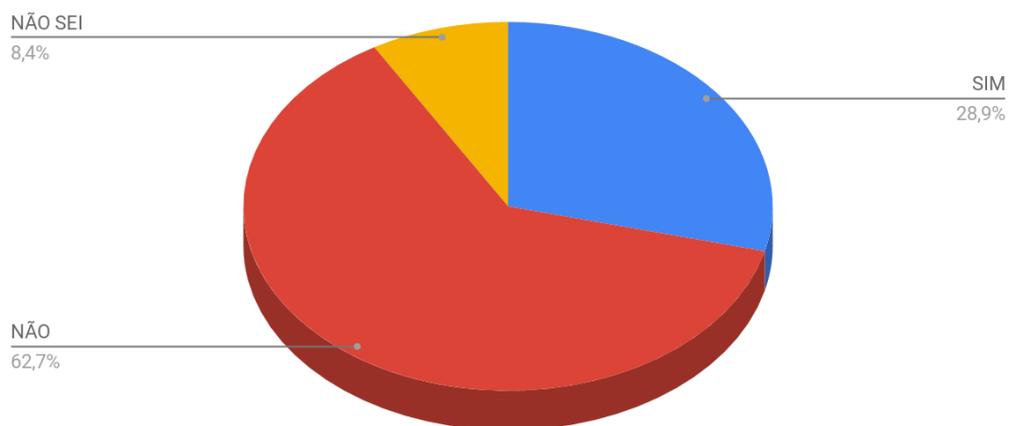
Feminino e Masculino



Legenda: Representação do gênero e faixa etária dos alunos entrevistados.

Gráfico 3

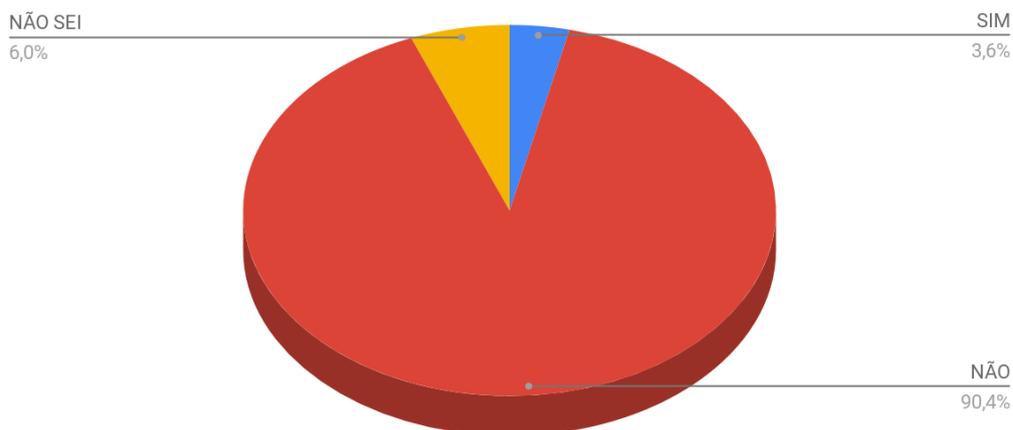
Porcentagem da 13ª Questão



Legenda: Representação da porcentagem referente as respostas da 13ª questão do questionário, considerada uma das mais relevantes.

Gráfico 4

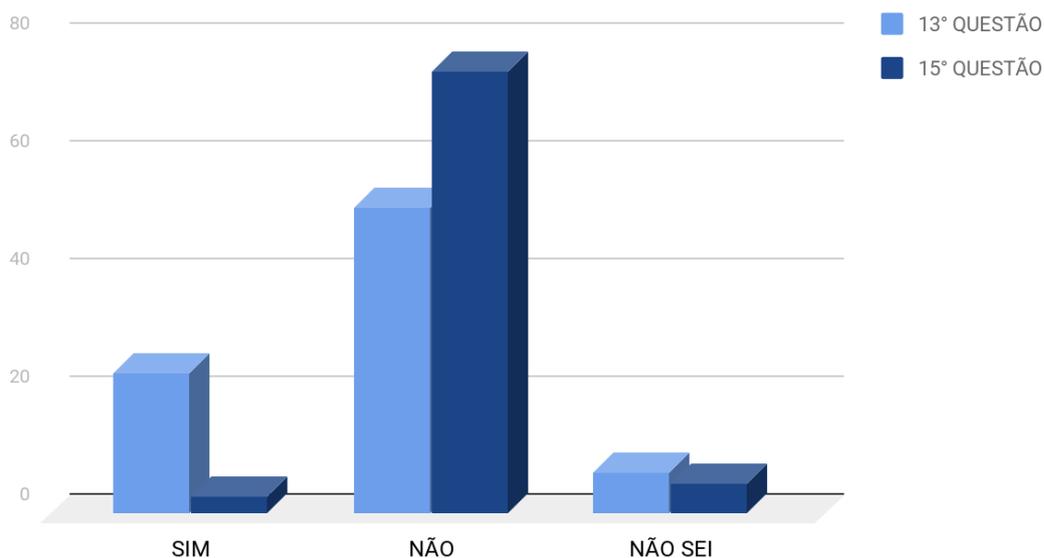
Porcentagem da 15ª Questão



Legenda: Representação da porcentagem referente às respostas da 15ª questão do questionário, considerada uma das mais relevantes.

Gráfico 5

Quantidade da 13ª Questão e 15ª Questão



Legenda: Representação comparativa das respostas entre a 13ª e a 15ª questões, consideradas as mais relevantes.

2.1. RESULTADOS DESCRITIVOS

Após análise dos dados, dos 83 questionários, foi possível obter que 98,8% dos alunos que responderam o questionário disseram ser a favor da vacinação. Positivamente, a maioria dos estudantes (56,6%) disseram não achar que a vacinação pode causar malefícios. Destes 83 questionários, infere-se também que 92,7% disseram que dúvidas acerca da vacina podem influenciar as pessoas a não se vacinarem, enfatizando um dos motivos pelo qual as pessoas se associam a ações de recusa vacinal. Complementando esta lógica, 67,4% dos entrevistados disseram ter conhecimento sobre a revolta da vacina ocorrida em 1904, e apenas 22,8% alegaram não ter conhecimento sobre esse conflito. Sendo que, 3,61% dos estudantes exprimiram que fariam parte de um movimento antivacina se ocorresse atualmente, porém 90,3% indicaram que não fariam parte. Em outras análises, 62,6% dos indivíduos disseram não concordar com o movimento de recusa da vacina, todavia, 28,91% afirmaram concordar com este ato, expondo um número alarmante. Além dos 8,43% que disseram não saber o que responder. Dessa forma, reforçando a hipótese do artigo na existência de indivíduos com linhas de pensamento que compactuam com o sistema de vacinação, e uma porcentagem aliada a recusa da vacina.

3. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o ressurgimento de pequenos grupos anti vacinais aliados à falta de saber científico, ignorância e negligência, a população tem questionado a necessidade de se vacinar (WESTIN, 2019).

Segundo a UNICEF, o Brasil e outros países têm registrado um aumento em cerca de mais de três vezes os casos de sarampo em 2019, isto decorre das 169 milhões de crianças que não receberam a primeira dose de 2010 a 2017. Desse número, 940 mil estão no Brasil e 2,5 milhões estão nos Estados Unidos. A instituição decerta que a principal causa para esse surto é a falta de vacinação.

O professor Dr. Carlos Graeff Teixeira, do Grupo de Parasitologia Biomédica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sugere que os cientistas brasileiros acelerem um movimento de divulgação sobre a utilidade das vacinas, com informações científicas sobre os seus benefícios e de esclarecimento. Inclusive reverenciando cientistas que já lutaram nesta luta, como Oswaldo Cruz (SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL, 2019).

É preciso reforçar que o processo de imunização se trata de um fator de saúde pública e coletiva. É imprescindível discutir a emergência da “cultura da imunização”, visto que a resistência de grupos para uma “nova revolta da vacina” tem ameaçado o retorno de doenças consideradas erradicadas. É fundamental dimensionar a aceitação acerca da imunização na comunidade, utilizando-se de argumentos éticos, sociais, políticos, mas, sobretudo, científicos (HOCHMAN, 2011).

Com a construção do artigo discute-se como esta linha de raciocínio está difundida entre os estudantes da Universidade Católica do Salvador, do campus Pituaçu. Efetivou-se um resultado positivo sob as indagações a respeito dos pontos relacionados à imunização, mostrando um conhecimento pouco adverso. Cerca de 98,7% dos entrevistados se consideram a favor da vacinação, enquanto 56,6% acreditam que a vacinação não causa malefícios, comprovando um conhecimento básico, contudo, necessário, para disseminação de informações corretas sobre o papel da vacina.

No entanto, foram encontradas a existência de minorias as quais tinham certa compatibilidade com o pensamento de recusa das vacinas. Por volta de 28,9% dos entrevistados afirmaram concordar com o movimento antivacina, associados a algumas problemáticas que também foram embasadas no questionário como, a existência de efeitos colaterais, o questionamento da quantidade excessiva, a presença do vírus inativo em algumas composições, e outras dúvidas que influenciam na decisão dos indivíduos. Porém, mesmo com essa concordância, apenas 3,61% dos alunos entrevistados afirmaram que fariam parte atualmente de uma nova revolta contra a vacinação.

O projeto trouxe uma opinião positiva sobre o sistema de vacinação, mas acendeu um alerta em virtude da porcentagem de 92,7% sobre a falta de informações como um impulsionador de dúvidas e questionamentos quanto ao processo de imunização. Demonstrando a necessidade de esclarecimento à população no que se refere aos benefícios da proteção.

Em suma, é primordial unir esforços para a manutenção do sistema de vacinas. Ainda que existam pequenos grupos de recusa à vacinação é preciso intensificar o trabalho de promoção, prevenção e atenção à saúde. Expondo resultados, dados

científicos e comprovados, taxas de epidemias, taxas de mortalidade em locais sem acesso a vacina, entre outras evidências para serem relatadas, de forma que combata as informações errôneas. Evitando assim, a regressão da saúde e a decorrência de doenças já erradicadas ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

1. FIOCRUZ. **A Revolta da Vacina**, Agência Fiocruz Notícias, 25 abr. 2005.
2. SUCCIA, Regina. Artigos de revisão. **Recusa Vacinal - que é preciso saber**, Porto Alegre, v. 54, ed. 6, Dezembro 2018.
3. DINIZ, Thais. **Movimento Anti vacina: Como surgiu e quais consequências ele pode trazer**, UOL, São Paulo, 5 dez. 2017
4. MIZUTA, Amanda; SUCCI, Guilherme; MUNTALLI, Victor; SUCCI, Regina. **Percepções acerca das vacinas e da recusa numa escola de medicina**, Revista Paulista, v. 37, n. 1, Março 2019.
5. PORTO, Mayla. **Uma revolta popular contra a vacinação**, Revista Ciência e Cultura, v. 55, Março 2003.
6. WESTIN, Ricardo. **Fake news sabotaram campanhas de vacinação na época do Império**, Senado Notícias, Outubro 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fake-news-sabotaram-campanhas-de-vacinacao-na-epoca-do-imperio>. Acesso em: 08 de Dezembro de 2019
7. SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL. **Movimento anti vacina é uma das dez ameaças para a saúde mundial**, Revista Vaccine, 11 de Abril de 2019.
8. HOCHMAN, Gilberto. **Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil**, Scielo Saúde Pública, vol.16, n.2, pp.375-386, 2011.